

Meu Lugar na UFRGS

Modelo de ação

As letras grandes na porta da sala 414 do prédio da Faculdade de Arquitetura distinguem-na das demais dispostas ao longo do corredor do quarto andar. Logo ao entrar, além da configuração esperada de um espaço de ensino, com classes enfileiradas, existem pufes, uma cafeteira sobre uma das mesas e armários. Assim é a sede do Escritório Modelo Albano Volkmer (Emav), projeto de extensão que iniciou suas ações em 2008 e é autogerido por alunos de vários cursos, com o intuito de transformar a realidade de comunidades que não possuem acesso ao profissional arquiteto-urbanista.

Aluna do 8.º semestre de Serviço Social, Fernanda Evelyn Ferreira destaca uma importante mudança estrutural do projeto que o tornou mais compatível com as transformações ocorridas na Universidade: “Implementamos um sistema de cotas para os bolsistas, e o lugar ganhou uma cara nova”.

Esse entrosamento que caracteriza o projeto é uma de suas principais qualidades. Denner Pereira de Souza, aluno do 3.º semestre de Arquitetura, fala sobre sua experiência de convívio com os demais bolsistas: “Os colegas foram bem receptivos. Pela estrutura horizontal de gestão, sempre pude trazer questões a serem discutidas. Me sinto bem à vontade aqui”.

No momento, os bolsistas do Escritório dividem-se em três frentes de trabalho na região metropolitana de Porto Alegre. Um deles cuida da construção de um centro comunitário no bairro Guajuviras, em Canoas. Os demais, ajudam na construção de uma escadaria com acessibilidade no Beco das Pedras, no Morro da Cruz. As demandas surgem através de contato da população, normalmente via internet, e são discutidas semanalmente. Essas discussões também contribuem para que os estudantes desenvolvam crítica social e empatia para

com as comunidades, o que geralmente resulta em ações concretas junto às localidades.

Essa solidariedade também pode ser constatada na rotina da sala 414, já que não são raros os momentos em que outros alunos da faculdade vão chegando e se espalhando pelo local, além dos próprios bolsistas que encontram no espaço um “lugar de fuga” para poderem estudar ou relaxar. “É bem comum, durante nossas reuniões, outras pessoas ocuparem as mesas da sala para terminarem os trabalhos da faculdade em seus notebooks. Em dias de chuva, quando não podemos sair para as comunidades, acabamos ficando por aqui mesmo, passamos café, comemos pipoca. Não deixa de ser um centro de convivência”, descreve Fernanda.

Embora não faltem demandas de trabalho, os bolsistas do Emav acreditam que uma eventual transferência de sede (que já está em tratativas) trará mais visibilidade ao projeto, além de solucionar problemas logísticos, como as limitações físicas e de horários pelo compartilhamento da sala. Sobre isso, Denner acrescenta: “Tendo uma sede própria no câmpus, podemos estreitar o relacionamento com a comunidade, até porque mais pessoas tomarão conhecimento do Emav. Ele também poderá ser mais interdisciplinar, pois acreditamos que o trabalho nos bairros não deve ser somente de arquitetura, mas de várias frentes, inclusive com voluntários de dentro e de fora da Universidade que estejam dispostos a ajudar”, projeta o estudante.

Flávio Bonfiglio,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Perfil

Entre chimangos e maragatos



FLÁVIO DUTRA/JU

Jacira Cabral da Silveira

Numa cidade pequena como São Gabriel, na região da campanha central do estado, lá pela década de 20, não era de bom tom uma jovem fazer exposições equestres em plena praça central. Adi era uma ótima amazona e não escondia tal habilidade de seus conterrâneos, assim como não deixava de imprimir suas ideias vanguardistas à educação das sobrinhas que estavam aos seus cuidados. Possivelmente, essas tenham sido características que acabaram por conquistar Ary, bancário recém-transferido de Porto Alegre, que dividia com um primo juiz o aluguel de uma casa em frente a de Adi.

“Ela, de família federalista, maragato; ele de família republicana, chimango”, assim Luiz Dario Teixeira Ribeiro sintetiza a imagem que guarda dos pais, cujo confronto de ideias políticas gerou no filho o dom conciliador que, anos depois, o conduziria por diversas vezes à chefia do departamento e à coordenação da Comgrad do curso de História da UFRGS, onde é professor desde 1979. Ele recorda de um desses debates, quando o pai, importante sindicalista no interior do estado, expunha à sua esposa a importância de uma greve geral, “e eu ali, junto”, comenta satisfeito.

Por outro lado, havia dona Odorina, matriarca da família materna. Ao contrário da mãe, a avó de Dario era linha dura, carregava na cintura as chaves da despensa – comer um biscoito, somente com aprovação. Por essas e outras dificuldades de convívio, como alguns perrengues vividos na escola que fizeram seus pais branquearem mais cedo os cabelos, aos 16 anos Luiz Dario foi matriculado na Escola Agrotécnica Federal de Alegrete. Ainda adolescente, participou da primeira greve de estudantes após o golpe de 1964.

Três anos mais tarde, quando estava no Colégio Agrícola de Santa Maria, foi um dos organizadores da marcha contra o corte de subsídios para o transporte estudantil. “Nessa época me aproximei do grupo que discutia a formação do Partido Operário Comunista (POC), no qual fiz grandes amizades na militância: Luiz Carlos Coronel, Danilo V. Coelho, Luiz Carlos G. Moraes e a Margarete Moraes, que seguiu na política”, acrescenta.

Do Direito à História – É entre os estudos compenetrados dos colegas de Santa Maria para fazer vestibular que Dario resolve prestar exame para Direito. Contudo, não passou na prova eliminatória de francês. Com receio de ter que voltar para a casa dos pais em São Gabriel, optou por fazer novo vestibular, agora para História, na UFSM: “Vamos dizer que foi por oportunismo”. Só que, na verdade, não fora uma escolha tão casual, pois estudar História era uma das predileções de Luiz Dario e de seus amigos da casa de estudantes.

Dessa época, ele tem recordações “esquizofrênicas”, marcadas pelo medo que caracterizou os anos da ditadura no Brasil. “Conheci Luiz Eurico Lisboa, que havia se mudado de Porto Alegre para Santa Maria [e integrado a diretoria da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas]. Tempos depois, ele foi preso numa pensão em São Paulo.”

Tão logo se formou, em 1972, foi contratado para dar as disciplinas de História em um curso de Estudos Sociais, em São Gabriel. Na sequência, fez concurso para o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (Premem), foi aprovado e se transferiu para Porto Alegre em 1975. Assim que concluiu o curso de especialização em História do Rio Grande do Sul, em 1979, na UFRGS, foi selecio-

nado para o cargo de professor do Departamento de História da Universidade.

No final dos anos 1990, participou da criação e tornou-se professor do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (Nerint), primeiro centro voltado exclusivamente ao estudo e à pesquisa em Relações Internacionais no sul do país. Originalmente vinculado ao Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA) da UFRGS, desde 2014, integra a Faculdade de Ciências Econômicas.

Estimado pelos alunos por seu jeito zombeteiro e avesso a hierarquias acadêmicas, Luiz Dario diz não haver diferença entre os estudantes de História e de Relações Internacionais, os dois cursos em que dá aula. “Só que os de História são mais debochados”, faz questão de frisar. Por essa unanimidade, quando foi defender sua tese de doutorado, em 2013, a sala ficou repleta. Havia gente sentada até mesmo no chão, devido à falta de espaço para acolher tantos fãs do professor, também reconhecido pelo hábito de fumar cachimbo. “É uma relação de confiança por um lado, e por outro, de ruptura de hierarquia”, reconhece. Ele também é muito estimado pelos servidores com quem convive nos diferentes setores da Universidade e faz questão de provocar, dizendo: “Eu sou 70 e vocês não!”, ri.

No dia 3 de outubro passado, completou 70 anos e diz que já está na hora de se aposentar. A esposa Marta, engenheira de profissão e habilidosa artesã, atualmente também dedica-se a ministrar aulas de patchwork e tem incentivado o marido a voltar a fazer macramê quando deixar de dar aula. Ele pensa seriamente na possibilidade, mas agora tem uma única certeza: vai se dedicar à leitura, hábito que o acompanha desde sempre.

FLÁVIO DUTRA/JU



Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local